



A intenção de *Os Orixás e os ciclos da vida* é dividir interpretações referentes às nossas vidas humanas, correlacionadas com os Orixás. O mediunismo no terreiro de Umbanda atende milhares de pessoas diariamente, a que chamamos de consulentes. Durante os aconselhamentos espirituais, uma rica filosofia espiritual está amalgamada com as orientações das entidades, muitas vezes velada, como a sabedoria dos antigos escravos nagôs, nossos amados pretos velhos afrodescendentes, que a introduziram para somar-se ao evangelho do Cristo. Nesta obra, procuramos tornar esses ensinamentos ocultos declarados, desvelando alguns saberes que se relacionam com a mitologia dos Orixás e, conseqüentemente, com a existência humana, e que tanto nos ajudam.

Aos que têm preconceito quanto à origem africana da Umbanda (também temos a origem indígena, espírita e católica, variando de terreiro a terreiro a ênfase em uma ou outra), lembramos as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas: “vim para fundar a Umbanda no Brasil, aqui se inicia um novo culto em que os espíritos de pretos velhos africanos e os índios nativos de nossa terra poderão trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados,

qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social”. Obviamente que a maioria dessas entidades africanas era originária da parte da África que cultuava os Orixás, tanto que o caboclo anunciou a Umbanda e já se utilizou dos nomes dos Orixás que comporiam as Sete Linhas iniciais de trabalho.

Aos que classificam de atrasado o saber mitológico dos Orixás, repetimos novamente as palavras do caboclo: “se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho para dar início a um culto em que esses pretos e índios poderão dar sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim”.

Notadamente estes espíritos, de pretos velhos africanos, foram babalaôs, Pais de Segredo, altos sacerdotes nagôs, que não encontravam “espaço” no mediunismo vigente à época para trabalharem seus saberes, pois muitos conhecimentos já se haviam distorcido e perdido a ética moral africana original, dada a necessidade de sobrevivência dos negros, que acabaram vendendo-se e aos seus saberes “mágicos” para não sucumbirem de fome. Falaremos melhor sobre o saber dos babalaôs no próximo capítulo.

Assim ainda disse o caboclo: “aqui se inicia um novo culto (Umbanda) em que os espíritos de pretos velhos africanos, que haviam sido escravos e que desencarnaram, não encontram campo de ação nos remanescentes das seitas já deturpadas e dirigidas quase que exclusivamente para os trabalhos de feitiçaria, e os índios nativos da nossa terra poderão trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, será a característica principal deste culto...”.

Sentimos muito a vontade de resgatar esses saberes ancestrais. Estamos agindo em conformidade a nossa própria origem espiritual, a qual detalhamos melhor no capítulo que fala do Senhor Ogum Sete Estradas, entidade orientadora desta obra.

É necessário desenvolver alguns conceitos iniciais que serão importantes para o entendimento de nossa abordagem.

Para os antigos pretos velhos africanos nagôs, o mundo natural e o mundo sobrenatural possuem uma profunda e estreita ligação. São considerados complementares entre si, como se fossem duas metades de uma mesma cabaça, que coexistem como dois grandes planos: Aiyê ou Mundo Natural e Orum ou Mundo Sobrenatural.

Os Orixás foram criados pelo Ser Supremo, Olurum ou Olo-dumaré, para ajudar a humanidade e minimizar-lhe os sofrimentos, ensinando o homem a ter bom caráter.

E o que são os Orixás?

Etimologicamente, a palavra Orixá significa “a divindade que habita a cabeça” – *Ori* é cabeça, *xá* é rei. O termo Orixá faz parte da cosmogonia nagô iorubana, uma das diversas etnias africanas trazidas para o Brasil. Nos antigos Vedas já aparece o termo Purushá, como essência associada à cosmogonia universal. Nos textos sagrados do hinduísmo – *Upanishads* – é o Ser Supremo, o eterno, e contempla nosso próprio ser, de que é profundo conhecedor, a testemunha, a consciência pura, isolada dos sentidos em suas relações com a matéria. No esoterismo de Umbanda faz-se a associação de Orixá como uma corruptela de Purushá, significando “Luz do Senhor” ou “Mensageiro do Senhor”, tendo relação com a cabeça – Ori – de cada um de nós, pois nossa centelha ou mônada espiritual é igualmente chispa de luz do Criador Universal.

Todos nós somos influenciados pelas vibrações dos Orixás.

Nosso Ori – cabeça – é o responsável pela consciência, pelos sentidos e pela expressão da inteligência, que estruturam os processos contínuos de construção dos pensamentos e cognição mais

profunda, aquisição de conhecimento, incluindo estados mentais de reflexão, atenção, raciocínio, memória, juízo, imaginação, pensamento, discurso, percepção visual e audível, aprendizagem e, por fim, emoções.

Ocorre que nosso Ori – numa linguagem mais esotérica, o núcleo intrínseco do espírito, centelha ou mônada espiritual – é constituído de uma parcela de substância ancestral cósmica que varia de indivíduo para indivíduo, a Essência Divina que, individualizada e desprendida de sua origem Sagrada, habita cada um de nós. Este princípio primevo é, podemos assim entender, o núcleo duro e imutável do espírito. É Deus manifestado no homem, e daí a revelação de Sri Krishna contida no *Bhagavad Gita*: “Eu estou em você, mas você não está em Mim...”, ou ainda quando Jesus afirmou: “vós sois deuses”.

Sendo divino, Ori é imortal e depende de quais raios divinos – Orixás – “tocaram-no” quando de sua criação por Deus. Nos primeiros contatos com a forma nos mundos rarefeitos, a chispa divina, centelha ou mônada espiritual, enfim, nosso Ori foi bafejado pela influência do raio de ação de certos Orixás, que se sobressaíram em relação aos demais. No descenso vibratório para os mundos inferiores, até termos um perispírito no Plano Astral, a matéria primeva do Ori foi sendo preenchida em sua periferia, formando os corpos mediadores, para que conseguíssemos sobreviver na dimensão física como encarnados. A cada nova encarnação, nosso Ori sofre influência do efeito de retorno de nossas ações pretéritas, o que repercute nesses corpos mediadores e, conseqüentemente, na regência dos Orixás – Eledá – a cada renascimento em um corpo humano. Por isso cultuamos Ori na Umbanda, pois é nossa Divindade Interna, nosso Eu mais profundo e Sagrado.

Podemos afirmar que os Orixás são aspectos vibracionais diferenciados da Divindade Maior – Deus. Assim o são porque cada um dos Orixás tem peculiaridades e correspondências próprias ao

se rebaixarem e se fazerem “materializados” na Terra: cor, som, mineral, planeta regente, elemento, signo zodiacal, essências, ervas, entre outras afinidades astromagnéticas. Em verdade, em sua essência primeva são altas irradiações cósmicas indiferenciadas, antes do rebaixamento vibratório até o plano em que vive a humanidade, propiciando a expressão da vida em todo o planeta.

Assim como é em cima, assim é embaixo. O ser humano é um microcosmo reflexo do macrocosmo. Não por acaso, o organismo físico em funcionamento contém todos os elementos planetários: ar, terra, fogo e água. Todos nós temos, a cada encarnação, a influência mais intensa de um determinado Orixá, que podemos chamar de “Pai de Cabeça”. Esta força cósmica, que é regente de frente, é conhecida como Eledá, que é a responsável por nossas características físicas e psicológicas, de modo que refletamos os arquétipos ou características comportamentais peculiares ao Orixá que nos rege. Os demais Orixás que nos influenciam são conhecidos como Adjuntós ou Juntós e têm especificidades conforme a ordem de influência, da maior para a menor, em segunda, terceira, quarta e quinta instância, ou atrás e nas laterais da cabeça, compondo o que denominamos na Umbanda de coroa mediúnica do médium.

Atuam ainda, na coroa do médium de Umbanda, os espíritos Guias e as Entidades que têm compromisso com a tarefa mediúnica, abraçados no Plano Astral antes da reencarnação do médium. Os espíritos na Umbanda trabalham enfeixados vibratoriamente por linha vibratória, e cada linha é organizada por Orixá, tema que aprofundaremos no próximo capítulo.

Na Umbanda, de uma maneira geral, não consideramos os Orixás como espíritos individualizados em evolução, embora nossas irmãs das religiões afro-brasileiras os entendam, majoritariamente, como ancestrais divinizados, ou seja, espíritos que já encarnaram no passado e foram heróis em suas comunidades e nações, incorporando-os numa linha de ancestralidade remota. Na concepção

teológica rito-litúrgica que predomina na Umbanda, os Orixás são energias criativas divinas de alta voltagem sideral, impossíveis de serem expressas e incorporadas pelo mediunismo de terreiro. Quem se manifesta pela mecânica de incorporação são os espíritos falangeiros dos Orixás, que trabalham agrupados por linha, que, por sua vez, estão agrupadas pela irradiação de cada Orixá.

Por outro lado, é possível entrar em transe ritual, anímico, que caracteriza os estados alterados e superiores de consciência em que se manifestam os Orixás, o que é um processo diferente da mecânica tradicional de incorporação.

Ocorre que, de regra, o transe na Umbanda é mediúnico e acontece para que haja a comunicação oral dos espíritos manifestantes com os consulentes. É a tradicional incorporação, em que o corpo astral da entidade comunicante interpenetra o corpo astral do médium. Obviamente, a intensidade desse mecanismo varia de médium para médium, em conformidade a sua sensibilidade; da irradiação intuitiva à semiconsciência, situação em que o mediuneiro se lembra vagamente do que falou nas consultas.

Os cultos ritualísticos que manifestam os Orixás se dão preponderantemente por um processo arquetípico anímico de transe, que flui do inconsciente do sensitivo, sem incorporação por uma entidade externa (acontece de dentro para fora). Os Orixás, de regra, não falam e se manifestam nas danças, e a partir do transe ritualístico se “humanizam”, expressando-se no corpo de quem os “recebe”. O gestual simbólico que realizam revive o mito antigo e harmoniza o ambiente e o inconsciente coletivo dos circunstantes, que se ligam reciprocamente por laços de afinidade espiritual, no mais das vezes fruto de encarnações passadas em clãs religiosos africanos, e aí rememoram a mitologia ancestral pelos movimentos, vestes, sons, cores e gestos das manifestações – estados alterados e superiores de consciência.

Os centros umbandistas ligados a uma ancestralidade africana mais acentuada podem, concomitantemente com os espíritos falangeiros, praticar em seus ritos internos os toques, cantos e louvações litúrgicas para os Orixás, acomodando-se pacificamente o transe anímico ao mediúnico, eis que os mentores da Umbanda do lado de cá convivem harmoniosamente com a diversidade. Em verdade, são “infinitas” as possibilidades de interpolações rituais, dada a liberdade que todo sacerdote umbandista, juntamente com seus Guias Astrais, tem de elaboração litúrgica. Esta “elasticidade” de opções fortalece a Umbanda sem descaracterizar seu corpo normativo central, ditado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, permitindo que cada terreiro tenha uma “identidade” própria, contudo, todos sendo Umbanda. Isso contraria o que preconizam muitos cidadãos afeitos às purezas doutrinárias e cartilhas prontas, temerosos do desconhecido e de “novidades”, acomodados que estão no tédio do já sabido. Os trances rituais induzidos na Umbanda resgatam estes arquétipos dos Orixás e funcionam como potentes catalizadores para a manutenção da saúde e também da cura e autocura umbandista.

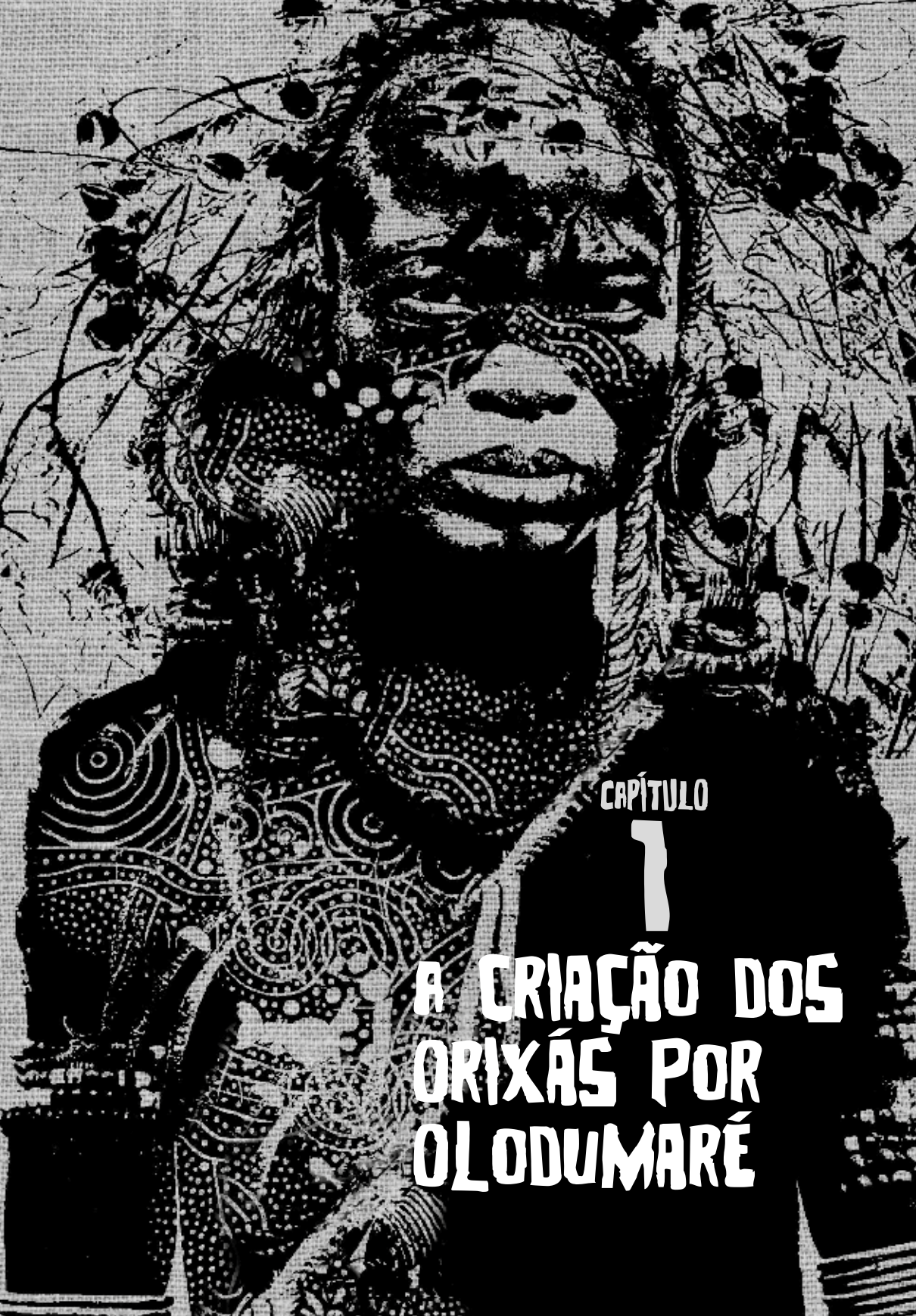
No dia a dia dos terreiros, não é incomum nos referirmos aos enviados dos Orixás como sendo o próprio Orixá. Então, um Caboclo de Ogum, Oxossi ou Xangô é chamado, respectivamente, de Ogum, Oxossi ou Xangô.

Os Orixás cultuados no Grupo de Umbanda Triângulo da Fraternidade, do qual o autor é dirigente e fundador, que são abordados nesta obra e abrigam os espíritos ancestrais que se “acomodam” em linhas de trabalho, são os seguintes: Oxalá, Iemanjá, Xangô, Ogum, Iansã, Oxum, Oxossi, Nanã e Omulu. Esses Orixás formam a Coroa de Irradiação do Terreiro, disposta na forma de assentamentos vibratórios dentro do Espaço Sagrado, visíveis a todos e democratizados para o uso comum de toda a comunidade. Teremos ainda Obá e Ossanha analisados.

Existem também os Orixás individuais de cada médium, que compõem a coroa mediúnica pessoal, isto é, o Eledá e os Adjuntós. Podemos dizer que, associados ao Ori – cabeça – de cada medianeiro, se aglutinam os Guias e os Guardiões espirituais, espíritos que são consciências, que têm inteligência e compromisso de trabalho com o médium, que se farão manifestar por meio da mecânica de incorporação, irradiação intuitiva, inspiração, vidência, audiência e demais “dons” mediúnicos, nas tarefas caritativas que foram previamente combinadas no Plano Astral antes do reencarne do médium.

No Grupo de Umbanda Triângulo da Fraternidade, o “diagnóstico” e o “levantamento” da coroa mediúnica individual são realizados com a prática mediúnica no terreiro associada ao Jogo de Búzios – Merindilogun. Para tanto, são necessários, em média, para efetivar a bom termo esta “leitura”, de 5 a 7 anos de pertença legitimada pela vivência interna templária, participando ativamente dos ritos estabelecidos em conformidade ao calendário litúrgico da comunidade religiosa.

Enfim, esperamos que este livro sirva para que compreendamos melhor uma riquíssima e benfazeja filosofia de vida dos antigos Pais de Segredo – babalaôs, exímios “magos” e psicólogos, que educavam as comunidades para terem uma vida longa, equilibrada e em harmonia com a fonte universal provedora, luz irradiante de amor, abundância e prosperidade. Que possamos nos conhecer um pouco mais entendendo os Orixás que se associam a nós como condutores dos ciclos das existências humanas. Que possamos ter um destino mais alvissareiro, com caminhos abertos para a bem-aventurança e corpo fechado para as enfermidades. Cabe somente a nós, a chave está em nossas mãos.



CAPÍTULO

1

**A CRIAÇÃO DOS
ORIXÁS POR
OLODUMARÉ**

A etimologia da palavra Olodumaré nos remete a profundos significados: *Olo* é expansão e poder, *Dun* é tempo e longevidade, *Ma* é a criação do Universo e *Re*, a estabilidade da força de realização cósmica, imponderável, imanifesta e indescritível à inteligência humana.

Na interpretação mais profunda do nome Olodumaré, podemos afirmar que significa “Eu sou aquele que é”, o ser criador em sua manifestação plena com a criação, o próprio Universo. É a transcendência que, em essência, é o hálito de Deus, a dinâmica da gênese divina.

Para compreendermos melhor o dinamismo causal de nossa relação com Deus, temos que refletir que todas as coisas foram criadas por Ele, partindo d’Ele mesmo, sem o que não existiríamos, não teríamos vida individualizada, seríamos todos como uma mesma água dos oceanos, só que sem peixes. Olodumaré é o “olho que tudo vê”, tudo sabe, é o controlador e organizador supremo de nossos destinos, pois as Leis Cósmicas às quais estamos imersos são suas criações.

O processo criativo divino se realiza em espiral, numa ascensão espiritual contínua e infinita, desde a matéria inanimada mais densa até a consciência de seres inimagináveis, muito além da rasteira compreensão dos homens e de suas diferenças de raça, socioeconômicas e de gênero. Por trás de tudo que é visível, em todos os planos ou dimensões de vida, há algo invisível, oculto, que dirige e anima o Cosmos, fazendo com que haja ordem e não caos.

Obviamente, é natural que não possamos compreender Olodumaré, na medida em que ele é indefinível, infinito, onisciente, incognoscível, imanente, onipotente. Assim, para que possamos percebê-Lo, pois em verdade Ele está em nós, e nós estamos Nele, e para que possamos conhecê-Lo e a seus atributos, percebendo sua existência através de suas manifestações no Universo e, especialmente, na existência humana, Olodumaré criou os Orixás num êxtase dele mesmo; primeiro Oxalá, que já existia Nele por todo o sempre, depois Exu, e a partir deste impulso volitivo divino, todos os demais Orixás.

Diante do maravilhoso espetáculo da criação, a razão humana é incapaz de compreender os desígnios da criação divina e os motivos da vida no ciclo planetário terreno. Os Orixás são como pedaços de um grande vidro que se partiu, sendo que cada um reflete os atributos do próprio homem, por isso são humanizados, para que Deus se aproxime de nós, se fazendo unidade em nosso entendimento.

No início dos tempos, em conformidade à mitologia, havia a convivência pacífica entre os Orixás e os seres humanos. Não havia limites ou separações entre o Aiyê (Terra) e o Orum (Plano Espiritual). Os mundos natural e sobrenatural, físico e metafísico, existiam em duplicidade, mas eram como se fossem um só, harmoniosamente se comunicando. Então houve uma quizila, uma quebra de diretriz, os homens não seguiram o que estava acordado,

surgindo uma “cisma” entre o Orum e o Aiyê. Assim, levantou-se uma barreira e o privilégio de intercâmbio, a todos concedidos, foi retirado. O diálogo, antes direto, passou a ser através de médiuns e diferentes artes oraculares.

Quando cultuamos os Orixás nas engiras de Umbanda, públicas ou internas, louvando essas forças divinas, novamente o Orum se une ao Aiyê. Na manifestação mediúnica dos falangeiros por Orixás, através dos métodos rituais indutores dos estados alterados e superiores de consciência, vivenciamos o transe e a reunificação com o Criador. Somos bafejados com orientação, consolo e aconselhamentos, minimizando os sofrimentos que ainda colhemos na vivência dos ciclos humanos imersos em corpos físicos densos, transitórios e perecíveis. E nessas reuniões num mesmo espaço sagrado, em que revivemos a unificação com o Criador, uma plêiade de espíritos, encarnados e desencarnados, encontra novamente o prumo da evolução, reintegrando-se aos ditames éticos e morais cósmicos.

Cada Orixá expressa seus atributos, o poder benevolente de Olodumaré, agindo como intermediário das associações desta autoridade com os seres humanos, para sermos auxiliados em nossa reintegração cósmica, para que os ciclos de vida hominal sejam mais felizes, para que consigamos mais satisfatoriamente executar nossos destinos reencarnados, que podem ser alterados a qualquer momento, dentro das Leis Universais de causa e efeito, de progresso e de melhoramento contínuo de nosso caráter.